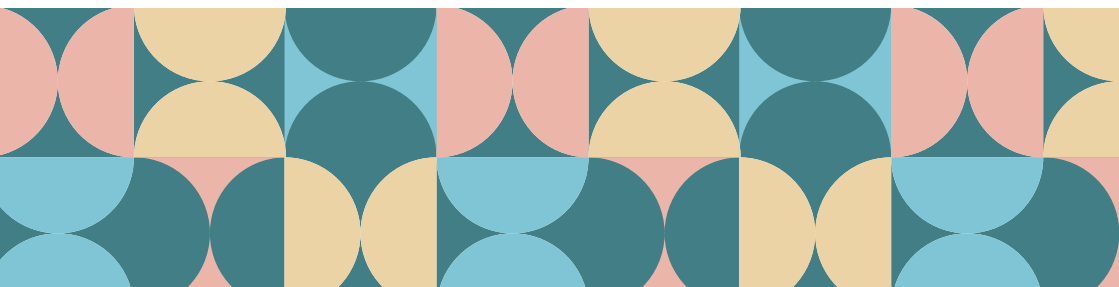


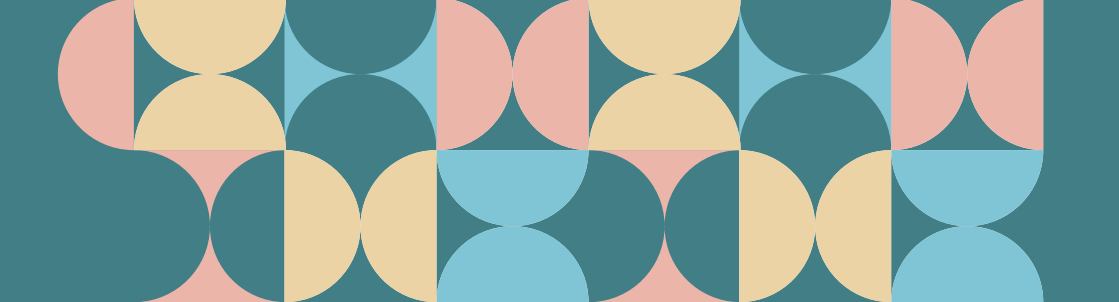


AÇÃO LOCAL E COMPROMISSO TRANSFORMADOR



Livro de bolso para quem trabalha
com as pessoas e os territórios





FICHA TÉCNICA

Projeto | Parcerias Locais para a EDCG: Reforçar o papel dos Municípios e de outros atores locais na implementação da ENED

Título | Ação Local E Compromisso Transformador - Livro De Bolso para quem trabalha com as pessoas e os territórios

Autoria do Livro | Carlota Quintão em colaboração com a equipa técnica da Rosto Solidário (Iara Guimarães, Patrícia Ribeiro e Paulo Costa)

Promotor | Rosto Solidário

Parceiro | FEC - Fundação Fé e Cooperação

Financiamento | Camões – Instituto da Cooperação e da Língua

2

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas que nos ajudaram a melhorar a versão preliminar este livro de bolso: ao Projeto Sinergias ED e aos membros da Comunidade Sinergias ED que participaram de uma sessão online do ‘Sinergias das 2 às 3’ ; à Sandra Fernandes da Fundação Gonçalo da Silveira; à Rute Serronha da Associação de Escolas do Torne e Prado; à Helena Guimarães da Fios e Desafios; à Magda Henriques, diretora artística e responsável de serviços educativos no sector da cultura; à Júlia Garcia designer gráfica; à Catarina Oliveira da EAPN – Rede Europeia Anti Pobreza; à Mónica Gaspar e Sónia Magalhães, engenheiras em autarquia em Portugal; à Catarina Gonçalves, engenheira ambiental e à Carla Coelho, Diretora Técnica do Centro Social Paroquial de Fornos.

PROMOVIDO



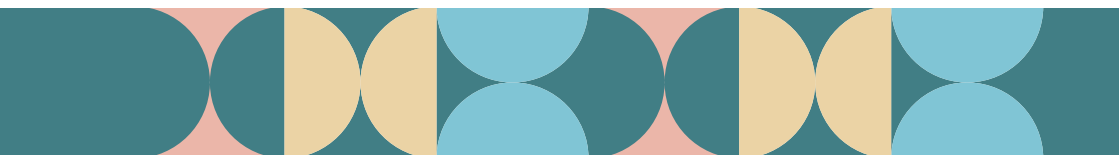


“Parcerias Locais para a EDCG: Reforçar o papel dos Municípios e de outros atores locais na implementação da ENED” é um

projeto que visa reforçar o papel dos municípios e de outros atores locais na implementação da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento. Para tal, planeou-se o desenvolvimento de diferentes atividades, nomeadamente:

- Implementação do Plano de Ação Local de EDCG em Santa Maria da Feira;
- Capacitação de atores locais de EDCG;
- Realização de ações de capacitação para Técnicos Municipais; Professores e outros atores locais de educação não formal;
- Mobilização de decisores políticos para a EDCG.

É um projeto cofinanciado pelo Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, sendo promovido pela Rosto Solidário em parceria com a FEC – Fundação Fé e Cooperação.



ÍNDICE

PASSO 0 | EMBARCAR

Este livro é ou não para o meu bolso?

PASSO 1 | PARAR

Ativar a EDCG como instrumento de transformação

PASSO 2 | 'PÔR OS PÉS NA TERRA'

Auscultar o cotidiano a partir de outros modos

PASSO 3 | MERGULHAR

Explorar capacidades transformadoras através da EDCG

ABREVIATURAS

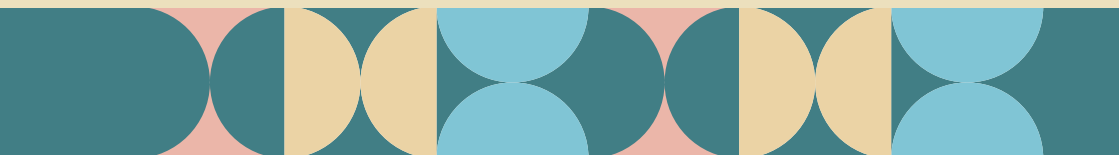
ED – Educação Para o Desenvolvimento

EDCG – Educação Para o Desenvolvimento e a Cidadania Global

EG – Educação Global

ENED – Estratégia Nacional de Educação Para o Desenvolvimento

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



PASSO 0 EMBARCAR

Este livro é ou não
para o meu bolso?



Este livro foi pensado como um **guia prático de apoio à ação quotidiana** de um vasto conjunto de pessoas que se dedicam a atividades que visam a melhoria da vida das pessoas e dos territórios. **Pessoas que, de forma profissional ou voluntária, exercem funções técnicas, dirigentes ou políticas, com expressão ao nível dos territórios locais.** Será nomeadamente o caso, entre outros exemplos, de quem trabalha numa autarquia, numa Instituição Particular de Solidariedade Social, numa associação de desenvolvimento, num centro de saúde, numa escola ou numa associação empresarial do concelho ou da região. É também, portanto, o caso de quem se dedica a qualquer tema; da saúde, à ação social, ao planeamento urbano, ao ambiente, à proteção civil, à agricultura ou à tecnologia, entre muitos outros temas que podíamos nomear.

Adicionalmente este livro dirige-se ainda às pessoas que reúnem mais duas características:

- são sensíveis ao tema dos direitos humanos e da justiça social, ou até sentem algum tipo de compromisso pessoal para com a luta contra as desigualdades sociais e os desequilíbrios ambientais do mundo em que vivemos;
- estão disponíveis para aprofundar o pensamento sobre si, sobre a realidade envolvente e sobre o seu próprio papel na manutenção (na reprodução das coisas tal como elas costumam ser) ou na transformação da realidade envolvente.

Dito de outra forma, **este livro também se dirige a quem se preocupa em saber até que ponto as suas próprias ações e pensamentos, contribuem para reproduzir as desigualdades e injustiças, ou para transformar na busca de maior justiça e bem-estar.**

A QUEM QUE NOS LÊ:

CONHECE A AGENDA DOS OBJETIVOS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (ODS) PROPOSTOS PELA ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS?

A Agenda 2030 das Nações Unidas para o desenvolvimento sustentável constitui um plano de ação centrado nas Pessoas, no Planeta, na Prosperidade, na Paz e nas Parcerias. Trata-se de uma Agenda universal assente em 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), 169 metas e 232 indicadores a implementar por todos os países.



Fonte: <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Este livro é um convite ao desenvolvimento de predisposições e capacidades transformadoras das pessoas que nos leem. A proposta é a de parar, pensar e explorar caminhos diferentes dos já conhecidos, e dos que são insuficientes e insatisfatórios. Pretende ser algo 'que se traz no bolso', um objeto simbólico que nos transporta para experiências de vida, conhecimentos ou significados que temos dificuldade em explicar de forma simples e rápida. Algo que nos recorda que podemos procurar outras formas de pensar, estar, sentir e agir que permitem enfrentar desafios e problemas complexos. Formas que não propõem fugir ou negar as dificuldades reais, que não propõem promessas ilusórias de soluções imediatas. Proposta que nos chamam para não nos abandonarmos a sentimentos de desânimo e impotência.

Este não é, portanto, um livro de receitas ou de soluções 'chave na mão'. Porém, enquanto guia de apoio à ação quotidiana, **adota uma lógica de sugestões passo a passo**, sem promessa de trajetos lineares (avanços, recuos e passos ao lado também podem ocorrer). Segue uma lógica de pequenos passos simples que podem conduzir a enfrentar questões complexas, **cada pessoa ao seu ritmo e estabelecendo os seus próprios caminhos de aprendizagem.**

Para caber num bolso, o livro tem de ser curto. Está dividido em três capítulos (ou passos):

- Começa por um convite a parar. Apresenta um conjunto de princípios e perguntas que nos dão pistas de como suspender os automatismos de pensamento, questionar as nossas convicções e procurar os 'ângulos mortos' da nossa visão do mundo.
- Apresenta, seguidamente, um convite a explorar o dia a dia através de outros modos. Apresenta como os referidos princípios podem ser implementados em três contextos distintos e familiares, ou mesmo muito frequentes, aos leitores e leitoras a quem nos dirigimos: uma ação de formação; uma campanha de sensibilização; uma reunião de trabalho entre colegas para avaliar e planificar atividades.
- Apresenta, por último, um convite a aprofundar a **abordagem e os instrumentos de transformação social em que o livro se baseia:**

a Educação para o Desenvolvimento (**ED**) ou Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global (**EDCG**). Estes são termos que usamos como sinónimos.

“A ED é compreendida como um processo de aprendizagem ao longo da vida, comprometido com a formação integral das pessoas, o desenvolvimento do pensamento crítico e eticamente informado, e com a participação cidadã. Este processo tem como objetivo último a transformação social no sentido da prevenção e do combate às desigualdades sociais, nomeadamente às desigualdades entre mulheres e homens, do combate à discriminação, da promoção do bem-estar nas suas múltiplas dimensões, da inclusão, da interculturalidade, da justiça social, da sustentabilidade, da solidariedade e da paz, tanto ao nível local como ao nível global.”

Fonte: <https://ened-portugal.pt/pt/home>

Efetivamente, este livro é mais um esforço num percurso longo de afirmação da EDCG em Portugal, enquanto um instrumento de transformação social, reconhecido a nível político e institucional desde 2010 pela Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED). Entre 2021 e 2023 a Rosto Solidário, a Fundação Fé e Cooperação e a Câmara Municipal de Santa Maria da Feira deram início a um processo pioneiro de transposição da ENED para o contexto de um território local, ao elaborarem o Plano de Ação de EDCG de Santa Maria da Feira¹.

“Ação local e compromisso transformador – livro de bolso para quem trabalha com as pessoas e os territórios” é um recurso educativo que, concretizando parte deste plano, visa capacitar os agentes locais para ações de aprendizagem transformadora, dirigindo-se a todas as pessoas em Portugal que exercem funções profissionais ou cívicas, ou que de alguma forma se identificam, como agentes de desenvolvimento local.

O processo de trabalho para a elaboração do Plano de Ação de EDCG de Santa Maira da Feira, **seguir ele próprio princípios EDCG²**, tais como: **acionar conscientemente um caminho de aprendizagem; conhecer e pensar criticamente sobre a realidade envolvente; envolver e colaborar com diferentes pessoas e instituições; acionar estratégias e metodologias de trabalho participativas e horizontais para permitir uma verdadeira colaboração; valorizar o próprio processo de trabalho como caminho de aprendizagens e não só os resultados ou benefícios que se alcançam no final³...**

Em coerência com este trajeto, também a elaboração deste livro foi caracterizada pela colaboração e envolvimento entre diferentes profissionais, bem como pela experimentação, através do desenho e implementação de uma ação capacitação baseada numa abordagem EDCG e envolvendo pessoas de municípios e organizações da sociedade civil a quem este livro se dirige. Uma versão preliminar do livro foi alvo de debate por um conjunto diverso de pessoas com diferentes experiências e papéis profissionais, a quem muito agradecemos os contributos de melhoria⁴.

Às nossas leitoras e leitores, ainda duas notas antes de embarcar.

Uma é sublinhar o desafio inicial. O livro dirige-se a pessoas com características, experiências e conhecimentos muito diversos entre si. Por esta razão, cada pessoa que nos lê sentirá mais identificação com alguns conteúdos do que com outros. O livro é curto. Mesmo que sinta dificuldade de compreensão ou que precise de fazer o esforço de reler algumas partes, atreva-se a tentar por à prova as suas reações imediatas. Eventualmente, a vontade de pôr o livro de lado. A nossa proposta, como referimos antes, é a de parar para criar espaço. Criar espaço para 'olhar o mundo e a nós mesmas/os com outros olhos'. Parar para explorar outros modos de pensar, ser, sentir, fazer e de criar relações com os outros... criar espaço e tempo para o que ainda não experimentamos ou ainda não compreendemos.

A segunda nota é esclarecer o que entendemos por transformação. É certamente muito ambicioso falar de transformação, sobretudo quando se trata de assuntos tão complexos como a sustentabilidade ambiental ou a justiça social. Certamente que há muitos caminhos para a transformação, não pretendemos ser porta-vozes de um caminho único, muito pelo contrário!!! A transformação de que aqui falamos refe-

PASSO O EMBARCAR



MODOS
DE SENTIR



MODOS
DE VER E
PENSAR



MODOS
DE PODER



MODOS
DE SER



MODOS
DE AGIR

re-se aos nossos próprios modos (de cada um e cada uma de nós) de pensar, ser, sentir, fazer e de criar relações com os outros.... Sabemos que desenvolver ações eficazes para enfrentar os problemas complexos como o aquecimento global ou a desigualdade social, não está nas mãos de cada um de nós individualmente (o que pode uma pessoa isoladamente?). Mas sabemos também que as organizações, as políticas e as leis se fazem todos os dias por pessoas individuais. Nós, pessoas individuais em colaboração com outros. Sabemos que ao longo da vida vamos assumindo muitos papéis sociais diferentes através dos quais vamos 'aprendendo' e 'ensinando', na relação com os outros.

No final, mais do que ambicionar que as pessoas que irão ler este livro de bolso sejam conhecedoras profundas da EDCG, aspiramos a que queiram experimentar implementar os seus princípios de ação e testar seriamente o seu potencial transformador. **De que forma pode a EDCG transformar os nossos modos de pensar, sentir, agir, ser? E os nossos modos de poder, estamos disponíveis para transformar?**

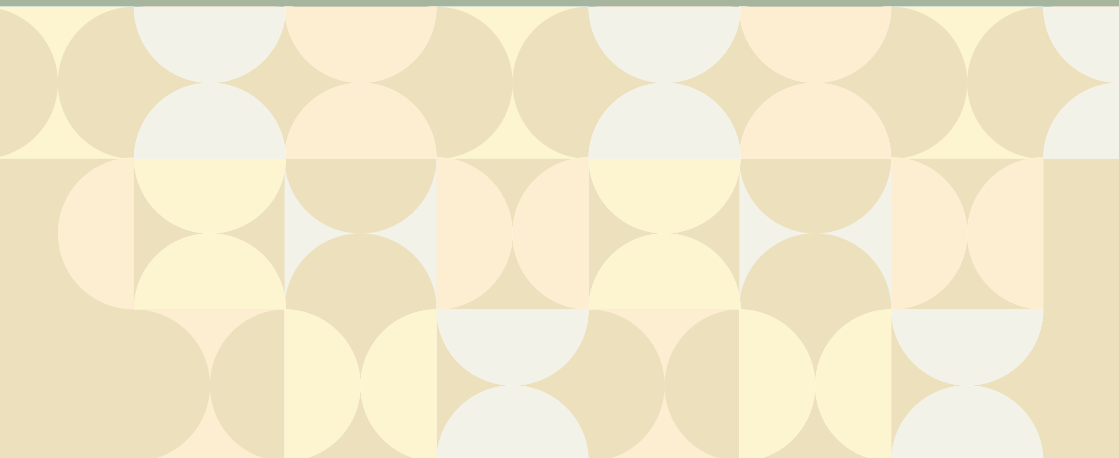
Este livro é ou não para o meu bolso?

As minhas notas

[illegible]

PASSO 1 PARAR

Ativar a
EDCG como
instrumento de
transformação



Como o próprio nome indica, a **Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global (EDCG)** é uma abordagem educativa. Um ramo da educação com a sua história e identidade singulares, ou seja, com os seus pedagogos/os de referência, as suas teorias e metodologias de consagração científica, e com as suas instituições de reconhecimento político⁵. Porém, não são as suas propriedades teóricas e institucionais que mais queremos destacar. **O nosso foco é partilhar o potencial transformador que esta abordagem convoca, e é colocar este potencial ao serviço das pessoas e instituições que se dedicam à sua ação a trabalhar com e para as pessoas nos seus territórios locais.** Neste sentido, seguiremos aqui uma definição prática adaptada aos nossos objetivos, e convidamos quem nos lê a conhecer posteriormente as definições oficiais, no final do passo 2. Por agora consideremos a seguinte definição:

A EDCG pode ser entendida como uma lente de leitura crítica da realidade que nos rodeia, a partir do lugar no(s) território(s) que habitamos e na relação com o mundo globalizado em que vivemos. Um instrumento de observação, escuta ativa e questionamento, orientado para a aprendizagem na interação com o(s) 'outro(s)' e comprometido com a intenção explícita de busca de justiça social e ambiental.

Nesta definição, escolhemos a metáfora da lente ou dos óculos⁶, ou seja, um instrumento de observação, experimentação e aprendizagem com a realidade envolvente. A EDCG é o instrumento através do qual propomos desencadear e potenciar capacidades e ações transformadoras. **O primeiro passo é, por isso, o de PARAR para saber o que é a lente EDCG e como começar a 'usar estes óculos'.** Ou seja, parar para encontrar no dia a dia, espaços e tempos que rompam com predisposições automáticas que tendemos a acumular. Espaços e tempos que nos permitam suspender formas de pensar, estar, sentir e agir, que tendemos a repetir sem nos

⁵O conceito de ED tem sido marcado pela evolução e a articulação entre diferentes práticas, teorias e abordagens nos campos do Desenvolvimento, da Cooperação para o Desenvolvimento e da Educação" (Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2018-2022: p. 12). ⁶ Para conhecer mais: <https://youtu.be/cXka0Ov-bhA>.

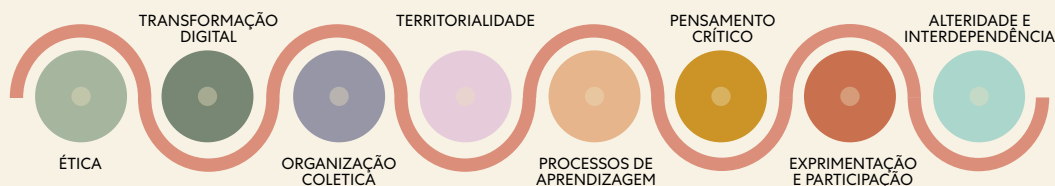
PASSO 1 PARAR

questionarmos. Se não pararmos para ter a capacidade de olhar para nós a partir de fora ou de 'outros olhos', como saberemos se estamos a transformar ou a reproduzir? Como saberemos se o que estamos a reproduzir ou a transformar contribui ou para a justiça ou para a injustiça?

Definida desta forma abrangente e operacional, a EDCG é uma lente que podemos ativar ao longo da vida, não se restringindo à ação nos sistemas de educação formal (escolas, universidades ou centros de formação profissional). Pode igualmente ser acionada em contextos não formais (tais como em grupos desportivos, animação comunitária, campanhas de sensibilização, etc.) ou, ainda, no plano informal, na forma como organizamos a nossa ação e a nossa relação com os outros. Por exemplo, quando nos cabe coordenar reuniões ou simplesmente participar de reuniões como membro de uma equipa. Reuniões de trabalho com colegas ou com parceiros institucionais são exemplos de atividades do nosso dia a dia, entre outros exemplos que poderíamos dar, de carácter profissional, voluntário, cívico, e até mesmo familiar.

MAS, SENDO O POTENCIAL DE APLICAÇÃO DESTA LENTE TRANSVERSAL AOS MÚLTIPLOS CONTEXTOS DA VIDA, O QUE PODE CARACTERIZAR OU DISTINGUIR UMA AÇÃO QUOTIDIANA COMO EDCG?

DIMENSÕES DA EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E A CIDADANIA GLOBAL



Podemos responder a esta pergunta dizendo que **há um conjunto de princípios ou orientações que, em conjunto, dão a singularidade EDCG a uma ação**. Estes prin-

PASSO 1 PARAR

cípios ligam-se profundamente uns aos outros. Quando começamos a falar de um princípio logo o mesmo se liga com os outros, por vezes de forma emaranhada. Por isso, **mais importante do que estabelecer fronteiras rígidas entre os princípios (ou as características próprias da EDCG), é ir experimentando e acumulando estas orientações de forma progressiva e o mais coerentemente possível.**

Neste livro, vamos debruçar-nos sobre quatro princípios. Vejamos quais são e o que significam para, no próximo capítulo, colocarmos em prática ações EDCG, através de três exemplos concretos de situações distintas do nosso dia a dia.



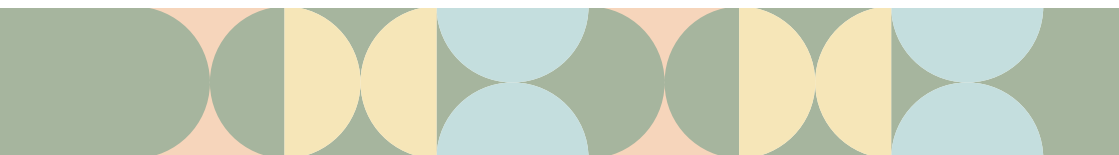
1. ACIONAR CONSCIENTEMENTE UMA INTENÇÃO PEDAGÓGICA E COLABORATIVA DE BUSCA DE JUSTIÇA

Uma ação EDCG é, antes de mais, uma ação que tem por objetivo a aprendizagem. Por isso, é uma ação intencional, ou seja, implementada de forma consciente e consequente. Colocamos uns óculos para observar, refletir, conhecer, agir...

Sim, quando dizemos uma ação EDCG, podemos falar de um vasto leque de ações. Podemos falar de um gesto simples, como por exemplo, pensar para nós mesmas/os a partir da leitura de um livro, de observar os elementos de uma paisagem ou de compreender as condições de vida de outras pessoas. Pode ser interagir com outras pessoas, como por exemplo, fazer perguntas para saber o que elas pensam ou quais as razões de ser de determinada situação. Pode, também, ser empreender atividades mais complexas, envolvendo outras pessoas e instituições, como por exemplo, organizar uma reunião ou uma atividade de sensibilização ou de formação, entre muitas outras atividades.

Dito de forma mais rápida, **é uma ação que pomos deliberadamente em marcha para aprendermos e por isso tem uma intenção pedagógica. Mas mais do que querer ensinar ou querer ser ensinado, uma ação de EDCG é uma proposta de aprendizagem num caminho de encontro - colaboração - com o 'outro'**. É algo que fazemos com a intenção de aprender, estando conscientes da realidade que nos rodeia e dos outros seres humanos e não humanos (animais, plantas, oceanos, montanhas, rios, estrelas e planetas) que connosco co habitam. Neste sentido, é uma aprendizagem que envolve os 'outros', os que estão fora ou que são **diferentes de mim**. Os 'outros' que são **diferentes de nós**, ou seja, da nossa família, do nosso grupo ou das comunidades das quais sentimos que fazemos parte (do país, do bairro ou local de residência, da religião, do clube de futebol, etc.).

Esta intenção deliberada de aprendizagem com o 'outro', é ainda uma intenção **eticamente comprometida com a busca de justiça**. É uma intenção dirigida à tomada de consciência e procura de compreensão das causas profundas das desigualdades sociais, dos desequilíbrios ambientais, da degradação das democracias e dos direitos de cidadania.



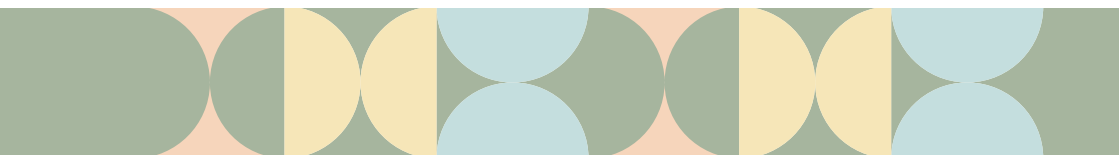
Em síntese, uma ação EDCG é comprometida com a transformação mútua entre pessoas, comunidades e povos, na busca de justiça e sustentabilidade no planeta. Comporta uma intenção simultaneamente pedagógica, colaborativa e eticamente comprometida com a transformação das estruturas sociais, económicas, políticas, culturais, tecnológicas que reproduzem as desigualdades de poder.

Considera-se uma pessoa que valoriza fazer aprendizagens? Costuma parar para refletir sobre as experiências de vida? Costuma questionar-se a si mesma/o? No seu dia a dia busca essa capacidade de transformação de si próprio/a através da aprendizagem?

E sobre as causas profundas e duradouras das desigualdades sociais e dos desequilíbrios ambientais, questiona-se? O que pensa? Serão estes fenómenos parte da história da humanidade desde sempre? Serão ‘a outra face da moeda’ do progresso? As injustiças sempre existiram e existirão, são inevitáveis? Ou serão evitáveis? Haverá soluções rápidas para estes fenómenos complexos como a pobreza, a violência ou a depredação dos recursos naturais?

E o que sente? Otimismo e convicção na capacidade de gerarmos conhecimento científico e tecnológico para lidar com os problemas? Ou pessimismo e avassalamento perante a magnitude e complexidade dos problemas? Ou sente outras coisas?

Acredita ser parte do problema? Acredita ser parte da solução?



II. PENSAR CRITICAMENTE

O pensamento crítico pode ser genericamente entendido como a **capacidade de questionar e analisar, não aceitando ideias por automatismo ou imposição**. Este pensamento recorre à busca de **diferentes pontos de vista**, conhecimentos e informações sobre os assuntos, antes de **formar opinião própria e fundamentada em fontes de informação fidedignas**.

Pensar criticamente é uma das capacidades consensualmente reconhecidas como das mais importantes de desenvolver em qualquer sistema de ensino no mundo ocidental. É também o caso de países, como Portugal, onde vigora um Estado de direito democrático e em que se defende uma cidadania ativa. Ou seja, em que se defende que cada pessoa exerça os seus direitos e deveres, participando da vida, dos caminhos e dos destinos da(s) sua(s) comunidade(s) de pertença. Como sabemos, há vários países no mundo em que esta capacidade não só não é estimulada, como o livre pensamento não é permitido.

Já parou para pensar seriamente até que ponto as suas visões do mundo são condicionadas pelas redes sociais? Qual é a proporção de informação que lhe chega via redes sociais e qual tem acesso através de outras fontes? E que outras fontes? Considera que tem acesso a informação de qualidade? O que é informação de qualidade?

Até que ponto o pensamento crítico está presente no seu dia a dia? Nas atividades que desenvolve com outras pessoas no trabalho? É frequente, nos seus contextos de trabalho as pessoas confrontarem diferentes pontos de vista? Pesquisar alternativas? Desenvolver e explicitar argumentos?

Mas como pode o pensamento crítico estar mais presente na nossa ação, de forma a ter maior capacidade transformadora? Nomeadamente, de forma a questionar os mecanismos que nos levam, individual e coletivamente, a replicar ações que levam a desigualdades sociais ou a impactos negativos no ambiente?

III. RECONHECER AS INTERDEPENDÊNCIAS QUE INFLUENCIAM O NOSSO QUOTIDIANO GLOBALIZADO

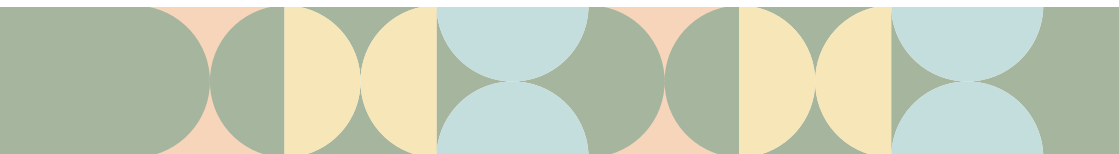
Sendo o pensamento crítico uma das competências mais reconhecidas no mundo ocidental, o seu desenvolvimento é partilhado por muitas abordagens educativas. Para a EDCG **pensar criticamente é, portanto, uma condição essencial, mas não suficiente. Para colocar a lente EDCG é necessário adicionar** mais focos de observação. Um dos mais característicos desta abordagem é o das **interdependências**. Vejamos o que isto significa.

Afirmamos que a EDCG é implicada com a 'realidade que nos rodeia' e na relação com 'o mundo globalizado em que vivemos'. No momento histórico que vivemos, nos anos 20 do século XXI, há uma característica central que afeta a vida humana no planeta, com uma intensidade e visibilidade que não se verificava anteriormente: **a globalização**.

Mas o que significa viver numa era de globalização? Que consequências práticas tem na vida do dia a dia? E como é que a globalização contribui para aumentar ou reduzir as desigualdades sociais e a crise climática?

Efetivamente acontecimentos recentes como a crise financeira internacional de 2008, ou a pandemia de COVID 19 em 2020, foram fenómenos que evidenciaram as interdependências dos acontecimentos entre todos os pontos do planeta e em muitas dimensões da vida dos seres humanos. Situações que mostraram de formas inéditas, drásticas e dramáticas, as assimetrias e paradoxos de um planeta profunda e progressivamente mais desigual. **E quais são estas interdependências, ou seja, estas influências mútuas?** Vejamos algumas, tais como as interdependências entre:

- **O local e o global**, ou seja, reconhecer que o que acontece no local onde vivemos pode influenciar o planeta no seu todo e vice-versa. Por exemplo, um vírus que surgiu numa cidade da China em 2019, causou uma pandemia (COVID 19) que teve repercussões em todo o mundo de formas verdadeiramente inéditas. Os transportes, as tecnologias da comunicação, a circulação de pessoas, de mercadorias e de

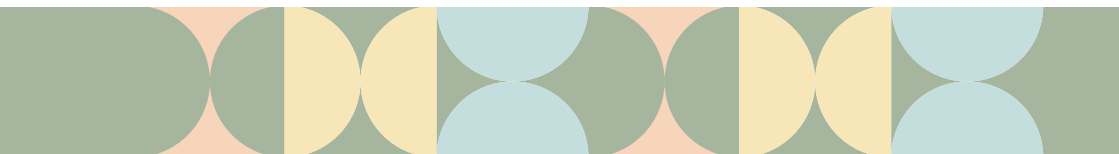


informação, a digitalização, são hoje realidades que estruturam a vida dos humanos (as nossas interdependências) de forma cada vez mais intensa.

- **A espécie humana e a natureza**, ou seja, reconhecer que somos seres vivos que fazem parte de um ecossistema e que a forma como temos utilizado os recursos naturais não é sustentável. Se a humanidade continuar a consumir recursos naturais, e ao ritmo a que tem feito, o alerta de todas as instituições internacionais é claro sobre os riscos de fenómenos naturais extremos (a subida do nível das águas do mar, tufões, ondas de calor, secas, etc.). O mesmo exemplo que demos da pandemia COVID 19 pode ajudar-nos a compreender esta interdependência: quando os confinamentos fizeram parar de formas inimagináveis cidades, países e a atividade humana no planeta, foi testemunhado e documentado pelo mundo todo a extraordinária capacidade de regeneração da natureza.

- **As diversas dimensões da vida individual e coletiva**, ou seja, termos consciência de que o que acontece numa determinada dimensão da vida (económica, psicológica, social, de saúde) tem efeito sobre as outras dimensões. Como por exemplo, se estamos com problemas de saúde podemos ter problemas de capacidade de trabalho e, portanto, problemas de acesso a rendimentos e assim sucessivamente. Ou, numa dimensão mais coletiva, se um país tiver um bom sistema de educação poderá ter cidadãos mais preparados para os desafios do mercado de trabalho e para a participação cívica na vida das comunidades.

- **O 'eu', o 'nós' e o(s) 'outro(s)'**, ou seja, reconhecermos que, em grande medida, somos o que somos porque vivemos em interação com os seres humanos e não humanos que nos rodeiam. Porque nos vamos definindo por referência a outros com quem nos identificamos e a outros de quem nos diferenciamos. No mundo globalizado em que vivemos o 'outro' é também e cada vez mais um 'outro' com uma cultura, história e tradição muito diferentes da nossa e que nos traz desafios acrescidos. Pensemos, por exemplo, nas nossas cidades e mesmo em muitas aldeias de Portugal, onde temos muita população a residir com origem em outros países e regiões do mundo. Pensemos no drama dos refugiados no Mar Mediterrâneo. Como estamos a enfrentar as deslocações de população em fuga dos seus países de origem porque as suas vidas estão em perigo quer pelas guerras, quer pela falta de condições de

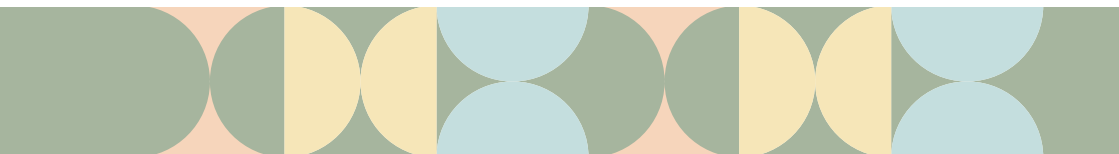


subsistência, quer pelos efeitos da crise climática? O que somos, o que podemos ser e o que queremos ser neste reconhecimento de que a existência dos seres humanos está interligada? Somos das pessoas que querem construir muros? Somos dos que querem encontrar caminhos a percorrer com o 'outro' diferente de nós?

- **O passado, o presente e o futuro**, ou seja, reconhecer que há uma história que nos traz ao presente e que essa história tem percursos, pessoas, eventos, avanços e retrocessos. Reconhecer que é no dia a dia que vamos criando novas formas de viver ou que vamos reproduzindo velhas formas de viver e, portanto, de nos relacionarmos com o 'outro'. Se nos questionamos sobre a justiça social, o que poderemos dizer sobre a estrutura de poder no mundo? Quem são os países mais ricos e os mais pobres? Como é que a história da colonização é importante para percebermos as desigualdades no mundo? Quem foi colonizador e colonizado? Até quando é que esta estrutura profundamente desigual de poder no mundo se vai reproduzir? Será uma utopia desejar uma ideia de cidadania global e de direitos e dignidade para todas as pessoas, como o fazem os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas?

Para a EDCG, implicada na 'leitura crítica da realidade envolvente', **ter consciência que vivemos num mundo globalizado implica reconhecer que vivemos interdependentes de muitos fatores** e que, portanto, há muitas **questões complexas** que nos suplantam e para as quais **não há respostas, nem soluções fáceis e rápidas**. Reconhecer estas interdependências é também **enfrentar a complexidade dos desafios do momento histórico que vivemos, no nosso lugar, com o papel que pudermos e quisermos desempenhar**.

Mas como é que o reconhecimento das interdependências pode constituir uma orientação de ação no nosso quotidiano? Numa reunião, ou numa ação de formação? E como é que este reconhecimento nos poderá ajudar a uma ação transformadora?



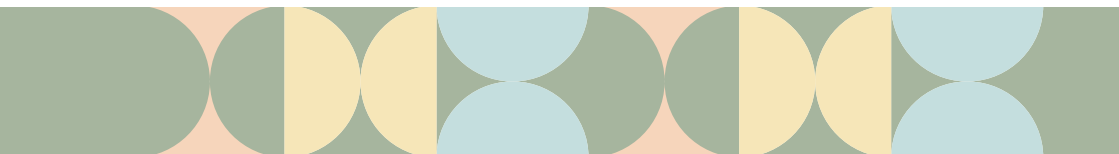
iv. COMPROMETER-SE COM A CO CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DIVERSAS E HORIZONTAIS

No primeiro princípio de EDCG que apresentámos, começámos por convocar a vontade própria e subjetiva de cada pessoa que nos lê, ao convidar a uma intenção pedagógica e colaborativa (por exemplo ao ler este livro e dispor de tempo e atenção para compreender o que está a propor quem o escreve). Nos dois princípios seguintes, o convite foi mais abstrato e difícil, ao convidar a ativar o pensamento crítico e o reconhecimento das interdependências nas nossas condições efetivas de vida, nesta era da globalização. Neste quarto princípio, o convite é para regressar à nossa realidade pessoal e procurar adicionar estas lentes de leitura da realidade. Regressar à nossa realidade subjetiva, quando pensamos para nós mesmos e nós mesmas, mas agora indo mais além, para também pensar na nossa realidade mais objetiva.

De que forma se vê a si própria/o? Mãe, pai, filho(a), avó ou irmão? Presidente da associação ou da Câmara Municipal, responsável pelo museu municipal, diretora de departamento, professor ou cidadã? A que classe social sente que pertence? Que lugares sociais, profissionais, cívicos, políticos ocupa? Que lugares se vê ocupar?

Seguindo de perto a definição de EDCG que demos no início deste capítulo, este princípio é o que nos liga ao 'nosso lugar' 'no(s) território(s) que habitamos'. O 'nosso lugar' num sentido de comunidade(s) de pertença e de reconhecimento pelos outros, e que, no mundo ocidental em que vivemos é também frequentemente associado a segurança, bem-estar, direitos de cidadania (direitos políticos, económicos, sociais e culturais). Também aqui a EDCG funda a sua designação nesta aspiração a uma cidadania global onde os direitos humanos são respeitados e cada pessoa no planeta tem direitos de cidadania.

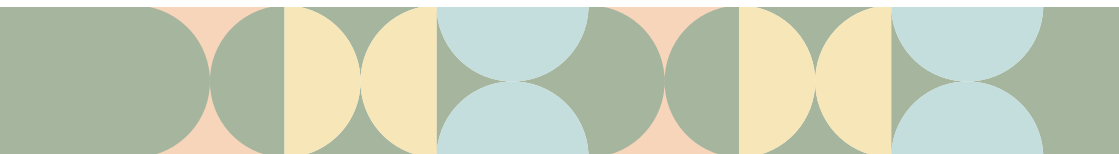
Tal como acima referimos, que uma ação pode ser um gesto simples de refletir para nós próprias/os, ou podem ser a ações complexas que envolvem a colaboração de outras pessoas e instituições, também aqui o verbo comprometer pode ter uma grande variedade de significados. Numa versão mais simples, por exemplo, o compromisso de ser alguém que se questiona a si mesmo/a, com ou sem diálogo com



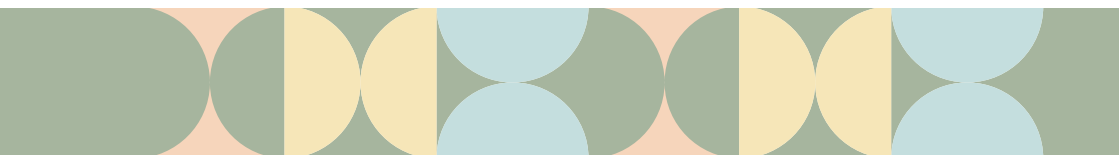
outras pessoas, e que procura evitar a reprodução de violências e de desigualdades, ou de ações que são nocivas ao ambiente. Numa versão mais ampla, ser alguém que se compromete com causas de justiça e sustentabilidade e que desenvolve proactivamente ações em nome das mesmas, mais simples ou mais complexas, mais duradouras ou mais pontuais, mais radicais ou mais moderadas.

Está disponível para fazer parte desta busca? E como está disponível para o fazer? De que forma se relaciona e liga com os seres dos seus territórios? Conhece o(s) 'outro(s)' do seu território? E reconhece-lhes a sua dignidade? Está disponível para dialogar, colaborar numa construção conjunta (numa co construção) de formas de viver em conjunto que ainda não existem? Está disponível para caminhar no sentido de dar início a práticas que permitam uma maior horizontalidade das tomadas de decisão e responsabilidade sobre os assuntos locais? Sobre os assuntos que dizem respeito às pessoas que habitam esses lugares?

Este é, portanto, o momento de regressar ao foco principal deste livro de bolso: ação local e compromisso transformador. A abordagem da EDCG, mais do que acreditar em soluções mágicas, procura construir caminhos que se vão descobrindo e fabricando na relação com os outros, camada a camada, na procura de enfrentar questões complexas que se colocam no nosso dia a dia.



As minhas notas

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

Auscultar o cotidiano
a partir de outros
modos



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

Se leu o passo 1, parou para conhecer a proposta da EDCG é agora o momento de **'pôr os pés na terra'**. O momento de passar à ação intencional de colocar em prática as intenções e princípios do instrumento e explorar o seu potencial. Recorremos a três exemplos de situações concretas do dia a dia: uma reunião de trabalho entre colegas de entidades parceiras, uma campanha de sensibilização e uma ação de formação.

Para iniciar com os 'pés na terra' é importante **ativar agora a lente EDCG**, incluindo o **pensamento crítico sobre si própria/o**:

Quem sou eu no(s) território(s) onde intervenho? Quais são os papéis, formais ou informais, profissionais ou cívicos, que desempenho? E que papéis posso e quero desempenhar?

Tenho poder formal para propor e decidir sobre ações a desenvolver na organização onde trabalho? Ou no território e com as comunidades? Em que espaços e com quem tenho capacidade de propor, organizar, sugerir?

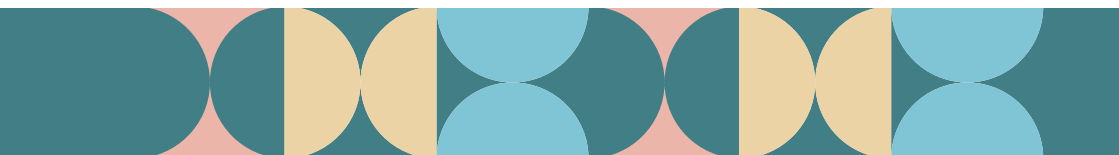
E mesmo não tendo um poder formal de decisão, sou um elemento que participa de situações onde se tomam decisões que afetam a vida de outras pessoas? Tenho capacidade de expressar as minhas opiniões? E as minhas opiniões são escutadas? E costumo dar as minhas opiniões?

E poder informal, tenho? Ou por exemplo, sinto espaço para questionar? Se não tenho capacidade de propor ou decidir, tenho possibilidade ou capacidade de perguntar?

Sou uma pessoa tendencialmente mais inibida, ou gosto de dar a minha opinião? Gosto de fazer parte de uma conversa onde se debatem ideias diferentes?

Há contextos (espaços e pessoas) no meu dia a dia, onde considero que há coisas que não são justas, ou que, de alguma forma, deviam ser melhoradas? Há vozes de pessoas que não são tidas em consideração quando se fazem decisões e ações da parceria que influenciam a vida dessas pessoas?

Questiono-me sobre porque é que as coisas são como são? Se poderiam ser diferentes?



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

‘Pôr os pés na terra’ significa procurar auscultar, observar e compreender pontos de vista sobre o seu dia a dia, aos quais costuma dar pouca ou nenhuma atenção. **Significa ativar conscientemente uma ação**, seja esta ação:

- Pensar para si próprio/a o que faz ou poderia fazer em circunstâncias comuns do quotidiano de forma diferente e porquê, com quem e para quê.
- Experimentar atitudes e comportamentos, diferentes do seu comum no dia a dia, na relação com outras pessoas, particularmente com as que conhece menos.
- Conversar com outras pessoas sobre estes temas.
- Começar a organizar uma ação (simples ou complexa) em colaboração com outras pessoas.
- Outra...

Ainda para iniciar a vontade consciente de ‘por os pés na terra’ é importante **ativar a consciência do seu barómetro pessoal, ou da sua escuta interior**. Que perceção tem hoje sobre os seus próprios modos de pensar, ser, estar, etc., por exemplo, em reuniões de trabalho entre entidades parceiras? E que modos poderá vir a ter?



MODOS
DE **SENTIR**



MODOS
DE **VER E
PENSAR**



MODOS
DE **PODER**



MODOS
DE **SER**



MODOS
DE **AGIR**

EXEMPLO 1

REUNIÃO ENTRE PARCEIROS INSTITUCIONAIS

As reuniões de parceria não são situações onde o principal objetivo seja, em regra, pedagógico ou de aprendizagem. Geralmente, estão mais associadas à coordenação de ações. Se é uma parceria, haverá certamente um propósito que reúne interesses comuns e há objetivos e atividades que estruturam essa parceria. Neste sentido, é uma situação que tem características que configuram um potencial de intervenção da EDCG. Efetivamente, se é uma parceria, subentende a vontade de cooperação (cada um fazer a sua parte para um todo) ou, até de colaboração, como procura a EDCG. Colaboração, ou seja, um processo de ação, diálogo e decisão conjunta através do qual se co constrói o sentido comum das ações a fazer e dos caminhos a seguir.

Convidamos, assim, a colocar a lente EDCG: Como é que numa reunião de parceria podemos ativar conscientemente uma intenção pedagógica? E um compromisso com valores de justiça e sustentabilidade? Como podemos ativar o pensamento crítico e o reconhecimento das interdependências?

OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL Nº17

Reforçar os meios de implementação e revitalizar a Parceria Global para o Desenvolvimento Sustentável. Revitalizar a parceria global para o desenvolvimento sustentável. Apoiar a criação de fortes parcerias ODS para atingir as metas ambiciosas da Agenda 2030. Reúna os governos nacionais, a comunidade internacional, a sociedade civil, o setor privado e outros atores.

Reuniões entre parceiros institucionais acontecem com muita frequência ao nível municipal ou mesmo das freguesias e locais mais pequenos. Pode também ser o caso de projetos em parceria entre diversas associações culturais,

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

juvenis ou ambientais, ou o caso de redes de empreendedorismo e inovação envolvendo empresas e universidades. Pode ser uma reunião da Rede Social, da proteção civil, de agrupamentos de escolas, de organização de um festival ou de um campeonato ou evento desportivo, ou gastronómico.... Acreditamos que encontrará, no seu dia a dia, experiências que se reportam a estes universos de práticas profissionais – o trabalho em parceria.

O exercício que propomos é, então, o de identificar uma destas situações de parceria que faça parte da sua experiência de vida e que seja importante para si. Antes de avançar na leitura, pare um pouco para pensar sobre a sua memória, sobre o que sente, sobre porque é essa experiência importante para si...

PRINCÍPIO EDCG

Acionar conscientemente uma intenção pedagógica e colaborativa de busca de justiça

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA

Há neste tipo de reunião modos de pensar, fazer, sentir, que poderiam ser melhorados? Ou até que seria muito importante que fossem alterados? E modos de tomada de decisão?

O que lhe provoca inquietação? Repulsa? Estímulo?

Pensa que esses modos prejudicam de alguma forma a busca de maior justiça social? Que eram desejáveis, outros modos?

As pessoas afetadas pela atividade da parceria têm voz neste processo de planeamento e avaliação?

O que é que, na sua observação desta situação específica sente vontade de compreender melhor, de questionar, de propor fazer de outra forma?

O que poderia ser feito para melhorar coisas que considera importantes?

É algo que se vê a si mesma/o fazer? Envolveria outros? E quem? Quem pensa de formas diferentes sobre este assunto? O que pode ajudar a pensar através de outros pontos de vista?



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Pensar criticamente

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



Quer assuma funções técnicas, dirigentes ou políticas, de que forma pode estimular nesse grupo o pensamento crítico? De que forma pode ganhar distância das suas próprias práticas e convicções?

De que forma pode questionar-se pelos olhos de outros, de ouvir outros argumentos, de investigar outros conhecimentos e experiências sobre os assuntos que para si são importantes?

Até que ponto se estão a envolver as pessoas e organizações afetadas pela ação da parceria nos processos de trabalho e nas decisões? Até que ponto a parceria se está a basear em informação fidedigna?

E a si, pessoalmente, qual é o papel formal que lhe cabe? E o informal? Qual o seu grau de compromisso para com as necessidades de melhorar e transformar esta realidade?

Está disponível para ter iniciativas? Para escutar ativamente as iniciativas de mudança de outras pessoas?

Reflete sobre quem se propõe fazer o quê? Porquê? Em nome de quem ou de quê? Para quê? Para chegar onde? Toma posição nos debates e dilemas (expressando-a aos outros ou não)?

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Reconhecer interdependências

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



Até que ponto é que as características (fragilidades e forças) das pessoas que participam nas reuniões é tida em conta? Que estilos de liderança estão presentes nestas situações? Acontece determinado tipo de pessoas serem sistematicamente menos ouvidas?

Acontece frequentemente favorecerem um clima de harmonia superficial para não reconhecer conflitos latentes? E quais são esses conflitos latentes? Como podem ser enfrentadas as tensões para uma melhor colaboração?

PRINCÍPIO EDCG

Comprometer-se com a co construção de comunidades diversas e horizontais

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA

O que está ao seu alcance fazer? O que se sente bem a fazer? Quem pode chamar para fazer consigo?

Até que ponto nestas reuniões de parceria se debatem ideias associadas à necessidade de construir em conjunto respostas para melhorias de vida para as nossas comunidades?

De que forma são tomadas as decisões? Quem participa dessas decisões?

Que ouvidos e que valor é dado à opinião dos outros que não estão na sala? Há verdadeira disponibilidade para encontrar caminhos convergentes na procura de respostas a necessidades comuns?

Sabe quais são as necessidades comuns?

Até que ponto está disponível para o compromisso de transformação social, que é também, necessariamente, de transformação pessoal?



EXEMPLO 2

RELATO DA NOSSA EXPERIÊNCIA COM UMA CAMPANHA DE SENSIBILIZAÇÃO PARA A IGUALDADE E NÃO DISCRIMINAÇÃO

Geralmente, uma ação ou uma campanha de sensibilização, tem por principais objetivos chamar a atenção das pessoas para determinados assuntos. Ou seja, visa primeiramente captar a atenção, para permitir a apreensão de nova informação e procurar a tomada de consciência das pessoas para um conjunto de mensagens.

Enquanto aquisição de nova informação e procurar de mudança de comportamentos das pessoas perante as novas informações e compreensões, estas ações incorporam também uma ambição de aprendizagem. Acionar a lente EDCG é procurar otimizar esse potencial. Mas é também fazê-lo, não apenas com o público-alvo da ação de sensibilização, mas também com os parceiros. Tendemencialmente, uma campanha de sensibilização tende a envolver diversos parceiros institucionais de linguagens e contextos distintos, que permitem o acesso e disseminação de mensagens a diferentes públicos. Desta forma, também a componente colaborativa pode ser acionada numa ação desta natureza.

Neste tipo de situação trata-se, portanto, de ter acionada a consciência e a intenção pedagógica, colaborativa e eticamente comprometida, bem como, fazê-lo ativando o pensamento crítico e de reconhecimento das interdependências.

Como fazê-lo? Convidamos a conhecer um exemplo concreto.

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL Nº10

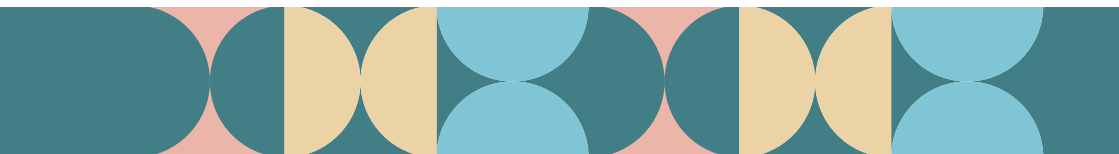
Reduzir as desigualdades no interior dos países e entre países

Capacitar e promover a inclusão social, económica e política de todos, independentemente de idade, sexo, deficiência, raça, etnia, origem, religião ou condição económica ou outra. Garantir a igualdade de oportunidades. Reduzir as desigualdades de resultado, eliminando leis, políticas e práticas discriminatórias.

No âmbito do projeto que financia a produção deste livro de bolso, o Projeto “Parcerias Locais para a EDCG: Reforçar o papel dos Municípios e de outros atores locais na implementação da ENED”, colaborou-se com um Município do Centro do país, a fim de desenvolver e implementar uma campanha de sensibilização para a importância da promoção da Igualdade e Não Discriminação, que envolvesse diferentes setores da comunidade e públicos-alvo.

Em reuniões iniciais com diferentes organizações representativas dos setores sociais e educativos (CERCI, Santa Casa da Misericórdia - nas suas diferentes valências de Lar de Idosos, Serviço de Apoio Domiciliário, Centro de dia e Universidade Sénior-, Academia Sénior e Programa Escolhas - projeto de integração da comunidade cigana) concluiu-se que a campanha deveria incidir sobre 4 formas de prevenção de discriminação, nomeadamente relativa à idade (idadismo), etnia, condição de saúde (deficiência) e, transversalmente, género.

Pretendia-se criar diferentes produtos e materiais que sensibilizassem para a Igualdade e Não Discriminação e que integrassem a Campanha de Sensibilização, tendo sido definidas como ação prioritária a desenvolver a criação de um Hino Municipal comunitário em torno da temática (letra, música e coreografia).

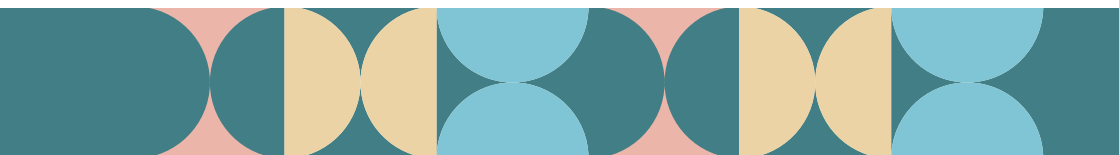


PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

Foi definida uma equipa de trabalho responsável pelo desenvolvimento da ideia da campanha de sensibilização, com pelo menos um representante de cada uma das entidades acima enunciadas. Cada entidade selecionou vários participantes das suas organizações para que, de forma colaborativa, procedessem à criação da letra do Hino em encontros criativos. Foram, então, desenvolvidos 4 encontros conjuntos de criação da letra do Hino, com todos os participantes das diferentes organizações, sendo cada encontro nas instalações de uma das organizações. Nestes encontros tivemos, assim, participantes que integram a CERCI, crianças de etnia cigana do Programa Escolhas, idosos da Santa Casa da Misericórdia com diferentes graus de dependência e séniores da Universidade e Academia Sénior do concelho. Após a escrita da letra do Hino, passou-se à composição da sua música, por dois professores de música de duas dessas organizações. O hino ficou pronto, mas ainda não era totalmente comunitário. Desta forma, foram convidadas outras entidades do concelho, bem como todos os cidadãos interessados, para participarem nos ensaios do Hino. Assim, vários ensaios setoriais (em cada organização participante) e ensaios gerais ocorreram, com dezenas de participantes de várias entidades do concelho. Todo este envolvimento resultou na apresentação pública do hino, a toda a comunidade, num momento de muita partilha e envolvimento comunitário.

Neste momento poderá estar a equacionar porquê este ser um exemplo que estamos a evidenciar neste livro... Qual a diferença entre esta ação e tantas outras ações comunitárias? No quadro abaixo tentaremos evidenciar como é que cada princípio da EDCG foi ativado especificamente nesta campanha...



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Acionar conscientemente uma intenção pedagógica e colaborativa de busca de justiça

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



Toda a campanha de sensibilização tem um objetivo pedagógico e de contributo para a promoção de justiça social, através de um processo de co construção entre diferentes entidades de um concelho, que se fizeram representar e participaram, não apenas com elementos das suas equipas técnicas, mas, também “utentes” que, pessoalmente, vivenciaram situações de discriminação e desigualdade. A ótica da justiça prende-se com dar voz a quem, de forma intencional, quer promover, a partir das suas experiências pessoais, a igualdade e sensibilizar a comunidade para o seu papel.

As sessões colaborativas de construção da letra do hino, obedeceram a uma planificação que seguiu princípios pedagógicos, baseados em educação não formal, pretendendo atingir-se os seguintes objetivos:

- Criação de laços e relação entre os participantes

- Reflexão sobre a igualdade e a não discriminação, incentivando a empatia e a colaboração entre os participantes através de experiências partilhadas.

- Reflexão e expressão (artística) sobre o tema da igualdade e não discriminação

- Criação partilhada de textos para o Hino

A organização das sessões, em diferentes organizações e com diferentes públicos, teve por base um princípio colaborativo, inclusivo e de empoderamento.

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Pensar criticamente

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



Desde o início que se concebeu esta campanha como devendo ser pensada, desenvolvida e colocada em prática por pessoas com diferentes perfis. Não só se privilegiou a diversidade de perspetivas, como se criaram espaços e tempos nas quais as pessoas, de facto, se escutaram, empatizaram e criaram, de forma partilhada, significados que se traduziram num Hino.

Ao longo de 4 dias, os participantes foram incentivados a partilhar experiências, descobrirem-se uns aos outros e a pensar criticamente na forma como queriam colocar as suas mensagens num texto comum.

Apesar da diversidade do grupo, em termos etários, culturais e mesmo cognitivos, todas as atividades e exercícios, a partir do corpo e da arte, permitiram a criação de canais comuns de comunicação, que resultaram em textos.

A diversidade desses textos produzidos foi unificada num Hino, que traduziu as diferentes perspetivas e o pensar criticamente de cada um e de um todo.

Foi possível desafiar crenças e demonstrar que, quando se incentivam as pessoas a expressar-se num ambiente de respeito e de participação, “Todos somos iguais, porque todos somos diferentes” (Sendo este o título do Hino criado).

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Reconhecer interdependências

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



A escolha de diferentes tipologias de desigualdade não foi aleatória. Reconheceu-se que as questões de discriminação relativas à idade (idadismo), etnia, condição de saúde (deficiência) e gênero são transversais num mundo globalizado. O objetivo de toda a campanha foi demonstrar que “os outros” têm culturas, histórias e especificidades que podem trazer desafios ao seu reconhecimento. Ao unir diferentes pessoas de uma comunidade, encontram-se caminhos de encontro e desconstruíram-se crenças e preconceitos, quebrando-se muros. Ao mostrar o que sentiam estes “outros”, está-se a mostrar como se sentem tantos “outros” em todo o mundo. Ao incentivar-se a que todos se unissem em prol da justiça social, quebraram-se barreiras e reconheceram-se interdependências.

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Comprometer-se com co construção de comunidades diversas e horizontais

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



Seguindo de perto a definição de EDCG, este princípio é o que nos liga ao “nosso lugar, no(s) território(s) que habitamos”. Toda esta campanha de sensibilização assentou na necessidade de fomentar um sentido de comunidade de pertença, de reconhecimento pelos outros, por todos, respeitando-se os direitos humanos e de cidadania. Desde o início do processo de conceção da campanha, até à sua apresentação à comunidade, o objetivo principal foi sempre tornar visível na e para a comunidade, os “outros” que muitas vezes são por si excluídos. Foi através destes “outros”, em processos de diálogo, colaboração e de construção conjunta, que se aproximaram as pessoas em práticas que permitiram: a) uma maior participação e, como tal, responsabilidade de diferentes pessoas e organizações de um território na procura de uma maior justiça social; b) aproximar perspetivas e quebrar barreiras ao nível do (re)conhecimento do papel do “outro” na comunidade. Sendo a campanha concebida como promotora de “Igualdade e Não Discriminação”, desde o início que foram comprometidas diferentes pessoas para a co construção de uma comunidade em que “Todos são iguais, porque todos são diferentes”.

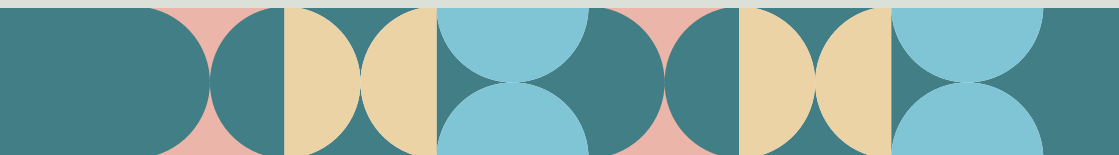
EXEMPLO 3

RELATO DA NOSSA EXPERIÊNCIA DE UMA AÇÃO DE FORMAÇÃO EM METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

Uma ação de formação é, por natureza, uma ação educativa. Uma ação de EDCG (Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global) distingue-se de outras ações educativas, apresentando características que acreditamos terem um potencial transformador para a ação local e a transformação social.

Assim, para compreender quais são as características específicas da EDCG importa explicar de que forma esta abordagem educativa é diferente da do sistema de ensino formal (escolas, universidades, centros de formação profissional). E também, de que forma é diferente de outras educações para..., como por exemplo a educação para a paz, o desenvolvimento sustentável, os direitos humanos, a cidadania ou outras.

Uma ação EDCG distingue-se das ações do sistema educativo oficial, antes demais, por ser uma abordagem de educação não formal. A educação formal é, geralmente, conduzida por um conjunto de objetivos e número de horas padronizados, de conteúdos temáticos (o programa de estudos) e um sistema de avaliação pré-estabelecido. A educação não formal tende a assumir uma grande flexibilidade em todos estes elementos. Desde logo, flexibilidade nos espaços físicos. Sendo verdade que as abordagens de educação não formal também têm lugar nas escolas (por exemplo através clubes de leitura ou das associações de estudantes), é noutros espaços que a educação não formal assume maior expressão. Por exemplo, em museus, nas escolinhas de prevenção rodoviária



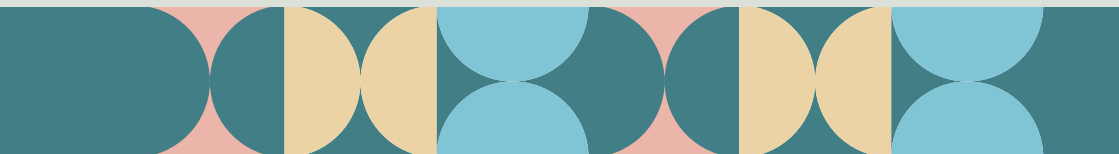
PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

para crianças ou nos grupos desportivos onde se transmitem os valores do trabalho em equipa. Espaços onde a educação se pauta pela flexibilidade de duração, objetivos, participantes, contextos, recursos... Uma ação de educação não formal adota princípios tais como: os de adaptação ao contexto, aos participantes e às condições de aprendizagem; de participação ativa das pessoas; de valorização dos seus conhecimentos e capacidades prévias; de desenvolvimento de saberes ligados à realidade envolvente e ao diálogo entre todos; de desenvolvimento de capacidades de cidadania; de objetivos de autonomização e autodeterminação das pessoas.

O campo da educação não formal abarca uma grande diversidade interna de abordagens educativas, como acima já demos exemplos de várias educações para... Apesar do seu nome, a EDCG não é uma abordagem centrada num tema específico. Vinda da tradição de uma educação para o desenvolvimento e a cidadania global, a EDCG tem afirmado a sua singularidade designadamente pelas características que assinalamos no PASSO 1 deste Livro de Bolso (pensamento crítico, reconhecimento das interdependências, busca de justiça social, entre outros). Mas, neste momento, o convite é para ir mais longe e pensar por si próprio/a o que pode ser esta diferença. Convidamos por isso a conhecer as definições oficiais de EDCG nas caixas de texto destacado.

“A Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global pretende ser um processo de aprendizagem e transformação através da ação individual e/ou colaborativa orientada para a justiça social e o bem comum. A partir de uma tomada de consciência assente numa interpretação crítica da realidade, a Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global inter-relaciona um tema concreto com as causas das desigualdades onde quer que elas existam.



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

Nesse sentido, não se atribui à Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global um ou vários temas em particular, mas antes, uma outra forma de analisar a realidade”.

Definição da Plataforma Portuguesa das Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (2018)

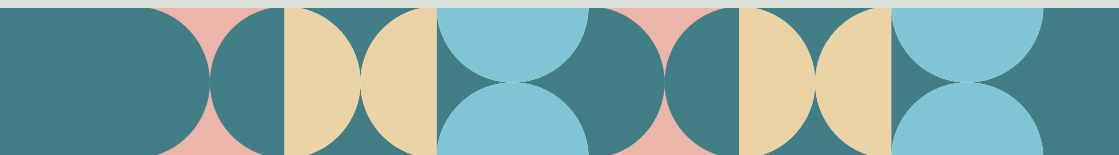
Fonte: https://www.plataformaongd.pt/uploads/subcanais2_conteudos_ficheiros/narrativa_de_educacao_para_o_desenvolvimento_e_a_cidadania_global.pdf

“Embora a ED partilhe dimensões temáticas, assim como éticas e metodológicas, com outras abordagens educativas, é essencial destacar alguns elementos centrais e específicos na construção da sua identidade.

Estes residem essencialmente na questão temática geral - problemáticas relacionadas com o desenvolvimento - e no foco geopolítico específico - Sul e Norte globais (ENED 2010-2016: 21). Historicamente, a ED tem como preocupação central a consciencialização sobre e a mobilização para a alteração das condições estruturais geradoras de pobreza, exclusão e desigualdades sociais, as quais afetam, com particular severidade, as populações do Sul global, no quadro das relações Norte-Sul.(...)

“... a ED inclui:

A promoção de pensamento crítico e eticamente comprometido. A promoção constante da desconstrução de estereótipos e da defesa da não discriminação, da igualdade e da dignidade de todos e de todas, independentemente da ascendência, sexo, origem racial e étnica, cor, língua, território de origem, nacionalidade, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual (razões em conformidade



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

com o artigo 13º da Constituição da República Portuguesa e com a Lei nº 93/2017, de 23 de agosto).

A promoção de processos de aprendizagem participativos, colaborativos e horizontais, direcionados para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilização na aprendizagem e na ação.

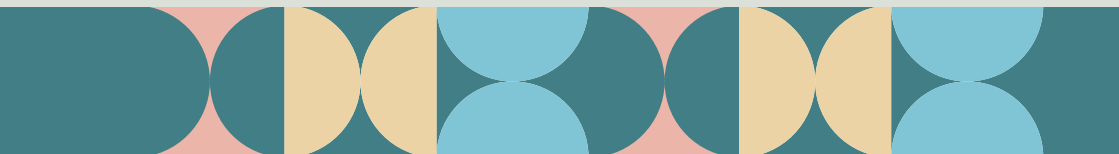
A promoção de aprendizagens que interliguem, de forma complexa e não linear, diferentes saberes e níveis de análise (locais, transnacionais e globais; individuais e coletivos) e que promovam abordagens interculturais”.

Fonte: <https://ened-portugal.pt/>

“Educação Global é a educação que possibilita às pessoas refletir criticamente sobre o mundo e o seu lugar no mesmo; e abrir os seus olhos, corações e mentes à realidade do mundo a nível local e global.

Capacita as pessoas para compreender, imaginar, ter esperança e agir para criar um mundo de justiça social e climática, paz, solidariedade, equidade e igualdade, sustentabilidade planetária e compreensão internacional. Implica o respeito pelos direitos humanos e pela diversidade, a inclusão e uma vida digna para todos, agora e no futuro.

A Educação Global engloba uma vasta gama de oferta educativa: formal, não formal e informal; ao longo da vida e em todos os domínios da vida. Consideramo-la essencial para o poder transformador da educação, e para a transformação da mesma. (...)



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

A Educação Global contém um conjunto de elementos centrais. Estes incluem:

- Valores fundamentais de justiça social global e local, paz, solidariedade, equidade e igualdade, sustentabilidade planetária, inclusão, direitos humanos, valorização da diversidade e compreensão internacional.
- Um enfoque na interligação entre as dimensões local e global das questões que afetam as pessoas, outros seres vivos e o planeta; entre gerações; entre culturas e entre passado, presente e futuro.
- Um compromisso comum com práticas pedagógicas inclusivas, participativas, inspiradoras de esperança, que permitam o pensamento crítico e façam justiça à primazia dos aprendentes; enquanto constroem competências e capacidades para uma ação informada, autorreflexiva, significativa, individual e coletiva”

Fonte: DECLARAÇÃO EUROPEIA SOBRE EDUCAÇÃO GLOBAL ATÉ 2050. DECLARAÇÃO DE DUBLIN Quadro estratégico europeu para o reforço da Educação Global na Europa até ao Ano 2050

OBJETIVO DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL Nº4

Garantir o acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos

Garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos. Promover a aprendizagem ao longo da vida. Eliminar as disparidades de género na educação. Garantir que todas as meninas e meninos tenham acesso a cuidados e desenvolvimento de qualidade na primeira infância. Garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação para os mais vulneráveis, incluindo pessoas com deficiência, povos indígenas e crianças em situação de vulnerabilidade.

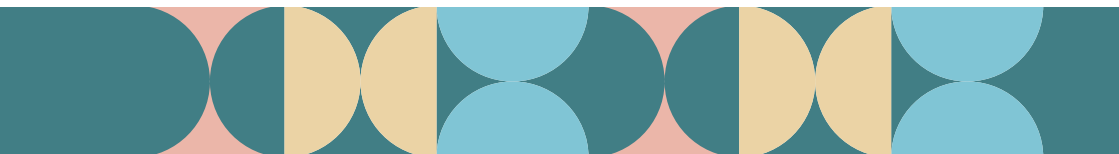
PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

Ter participado, alguma vez, numa ação de formação é muito provavelmente uma experiência que todas as pessoas que nos leem já tiveram. Também para muita gente, ser a pessoa responsável por planejar, organizar e implementar uma ação de formação, é uma atividade que pode fazer ou já ter feito parte da sua vida. Acreditamos por isso que este possa ser um exemplo familiar a quem nos lê.

Neste exemplo 3, escolhemos contar como pensamos e organizamos uma ação de formação no âmbito do projeto que financia também a produção deste livro de bolso: o Projeto “Parcerias Locais para a EDCG: Reforçar o papel dos Municípios e de outros atores locais na implementação da ENED”. Como acima dissemos, para a elaboração deste livro seguimos várias estratégias que são orientadas por princípios EDCG. Neste sentido, pensamos realizar uma ação de formação que permitisse colocar em prática o princípio da experimentação, ou seja, desenhar, implementar e avaliar esta formação usando os princípios da EDCG. Adicionalmente colocando também em prática o princípio do envolvimento de pessoas (técnicos municipais; professores e outros atores locais de educação não formal) que são também leitoras e leitores que desejamos para este livro.

No quadro abaixo apresentamos a ficha técnica da ação de formação que propusemos e realizámos. Sugerimos que se detenha a observar quais as diferenças de esta ficha técnica para outras que conhece de outras ações de formação em contexto escolar ou de ensino profissional.



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA



AÇÃO DE FORMAÇÃO

Título: Ação de capacitação em Metodologias Participativas

Formadora: Carlota Quintão

Participantes: Técnicos, dirigentes e voluntários de organizações da sociedade civil e autarquias e alunos da escola de verão de uma Escola Superior de Educação sobre as Parcerias para o Desenvolvimento Sustentável.

Data: julho de 2024

Local: Porto

Horário: 10-13h e das 14:00 às 17:00.

Objetivos:

Estimular a partilha e reflexão sobre as conceções e a pertinência das metodologias participativas nos contextos de pertença das pessoas participantes

Alargar as perspetivas de abordagem e o conhecimento sobre o tema das metodologias participativas no âmbito do debate sobre o ODS 17 – Parcerias

Ser um momento de aprendizagem baseado ele próprio em metodologias participativas que ao mesmo tempo que proporcionam a experiência vivida da participação ilustram metodologias que se podem ativar.

Programa:

Quem sou eu e quem somos nós? O que nos traz hoje a participar neste evento?

O que são as metodologias participativas?

Qual é a relevância das metodologias participativas e de construir parcerias, no contexto do mundo globalizado em que vivemos?

Como uso, ou como posso eu usar, metodologias participativas para construir colaborativamente com 'outros'?

E agora o que levo para casa deste dia?

Que diferenças observou desta ficha técnica para outras que lhe sejam mais familiares?

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

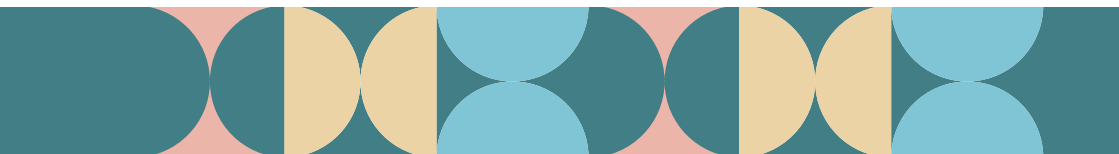
Se quiser conhecer algumas das questões que estiveram na base desta ficha técnica, leia gora o nosso relato sobre algumas das principais preocupações que tivemos no desenho da formação, dando algumas chaves de leitura das escolhas EDCG que fizemos neste processo.

No que se refere à definição dos objetivos focamo-nos em criar processos de reflexão e aprendizagem, mais do que em definir conhecimentos ou competências muito específicas. Aguardávamos uma composição de formandos e formandas muito diversa, não podendo, por essa razão, saber antecipadamente qual o conhecimento de cada pessoa sobre o tema. Assim, mais do que querer condicionar um ponto de chegada igual para todos, optou-se por uma abordagem mais aberta e exploratória para que todas as pessoas pudessem partir das suas próprias experiências e conhecimentos.

Um segundo elemento que podemos observar é, por exemplo, que o programa não são conteúdos temáticos, mas sim questões abertas. É um convite a uma reflexão centrada nas respostas das pessoas e do grupo, e não em conteúdos pré-definidos. É com o que os participantes trazem sobre os temas da formação que os conhecimento e capacidades sobre os mesmos são trabalhados.

Outra questão é, por exemplo, a natureza das perguntas que coloca as pessoas participantes no seu lugar de sujeito político, aqui e agora, com a sua capacidade de ação no mundo que a rodeia: quem sou, quem são os outros do grupo, o que sei do assunto em debate, como posso construir colaborativamente...

São muitos os detalhes no ciclo de desenho, preparação, implementação e avaliação de uma ação de formação, para discorrer aqui sobre todas as diferenças e semelhanças com outras educativas. Não é esse o objetivo deste livro. Ainda assim, explanamos mais alguns detalhes utilizando a mesma grelha de princípios (a lente) de EDCG que utilizamos para os exemplos anteriores.



PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Acionar conscientemente uma intenção pedagógica e colaborativa de busca de justiça

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



A necessidade de desenvolver as capacidades e a utilização de metodologias participativas é uma das condições de transformação social mais importantes, ao ser o mecanismo através do qual o diálogo se estabelece e a transformação pode ocorrer. Capacitar as pessoas para as metodologias participativas é, portanto, e em si mesma, uma intenção não só pedagógica, mas também comprometida com a ética de maior justiça social.

A organização do encontro teve por base um princípio colaborativo, ao procurar a sua organização em parceria entre duas entidades. Uma das entidades trazendo para o grupo participantes ligados profissionalmente ao desenvolvimento local e outros, estudantes do curso de verão, reunindo pessoas oriundas de diversas nacionalidades e regiões do planeta.

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Pensar criticamente

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



A primeira pergunta do programa apela desde logo, como o fizemos neste livro de bolso, a cada pessoa se colocar nos seus lugares de pertença. Quem somos? Que papel queremos desempenhar?

A heterogeneidade de participantes é, também, a probabilidade de diversidade de perspetivas que podem trazer para enriquecer o pensamento crítico. Para ativar mais do que a cognição e implicar uma situação social em que a convivência com o 'outro' diferente se faz num espaço seguro. Ativar a empatia, a escuta ativa, o pensamento exploratório. Designadamente competências que estão a ser cada vez mais convocadas num contexto de polarização das sociedades europeias e que importa reverter.

Sabendo a heterogeneidade do grupo optou-se por uma abordagem a partir de questões abertas para favorecer a que as pessoas de diferentes geografias e histórias de vida pudessem partilhar as suas visões, sem haver um quadro teórico de referência previa que inibisse outras experiências. Diversos exercícios dinâmicos com objetos físicos e movimentação dos corpos pelo espaço das salas permitiram diferentes formas de expressão de ideias.

Foi estimulado o pensamento sobre o que significa participação em diferentes contextos, em que condições é possível ativar metodologias participativas, como, com quem, para quem?

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

PRINCÍPIO EDCG

Reconhecer interdependências

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA



A própria composição do grupo e organização da ação partiram da interdependência entre 'outros' diversos e de várias partes do planeta. Usou recursos de expressão de ideias utilizando materiais naturais e os espaços de jardim disponíveis nas instalações trazendo para a consciência presente a relação com a natureza.

Na sessão dedicada à reflexão sobre a questão "Qual é a relevância das metodologias participativas e de construir parcerias, no contexto do mundo globalizado em que vivemos?" foi montada uma galeria de estímulos recorrendo a variadíssimos materiais distintos: livros, esculturas, materiais de campanhas de sensibilização sobre estigmas sociais, artefactos indígenas de diversos pontos do planeta, imagens de alerta sobre os riscos de desastre ambiental...

PRINCÍPIO EDCG

Comprometer-se com a construção de comunidades diversas e horizontais

EXEMPLO DE COMO A EDCG PODE SER ATIVADA NUMA SITUAÇÃO DE REUNIÃO DE PARCERIA

A última questão convoca os e as participantes a situar-se na sua realidade e colocar 'Os pés na terra', tal como o passo 2 deste livro de bolso, e convidar a olhar em frente...

PASSO 2

PÔR OS PÉS NA TERRA

As minhas notas

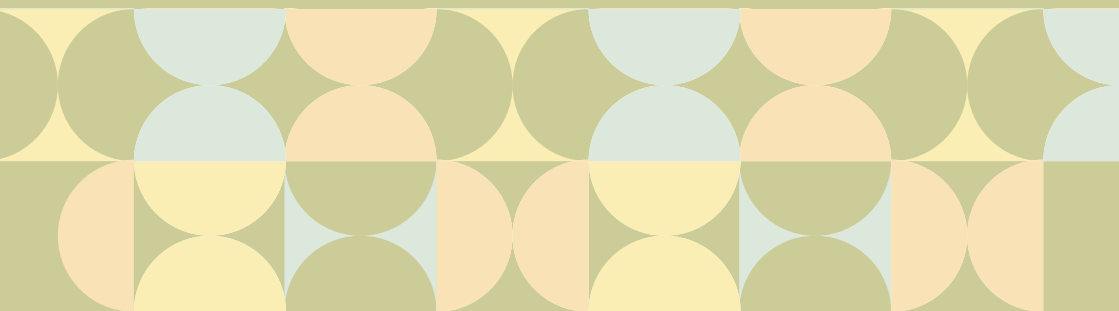
This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.



PASSO 3

MERGULHAR

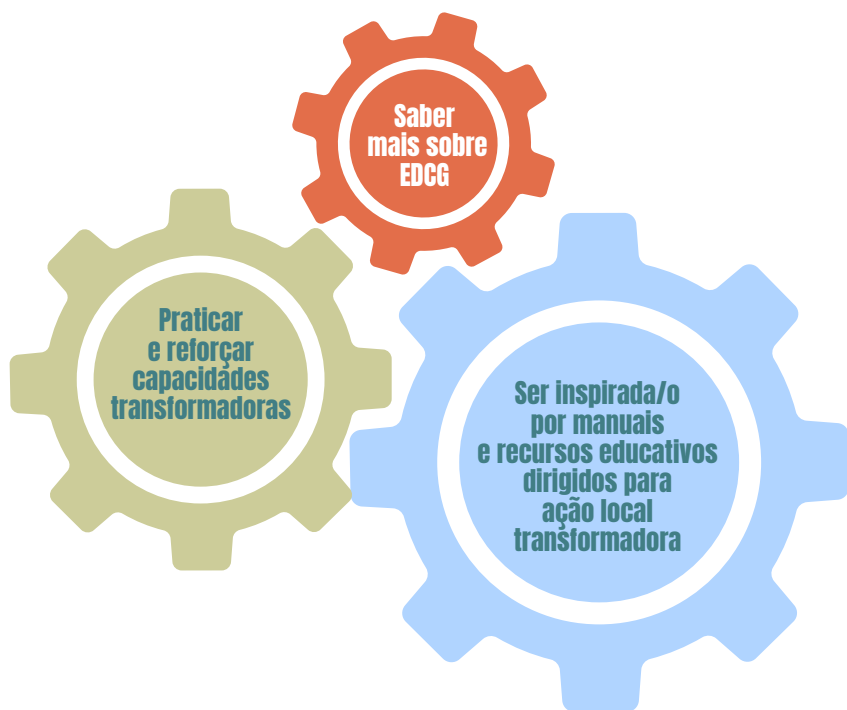
Explorar capacidades
transformadoras através
da EDCG



PASSO 3

MERGULHAR

Se se disponibilizou a ler este livro até aqui, acreditamos que tenha formulado muitas ideias, dúvidas e questões na sua mente. Desejamos que a sua leitura tenha proporcionado um processo de aprendizagem EDCG. Talvez, como afirmamos no início, este processo não seja um caminho linear. Talvez ainda se esteja a processar, talvez ainda vá dar resultados mais tarde. **A questão seguinte é a de saber se se disponibiliza daqui em frente, a continuar a EXPERIMENTAR a EDCG e testar a sua capacidade transformadora?**



PASSO 3

MERGULHAR

PARA SABER MAIS SOBRE O QUE É A EDCG

O QUE É A EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA GLOBAL?

Esse é um vídeo preparado no âmbito do Projeto ED-Comunicar que serve como um guia rápido sobre o significado da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global.



ENED

Documento oficial da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento. Esta estratégia visa promover a educação para o desenvolvimento sustentável, incentivando a cidadania global e o respeito pelos direitos humanos. Foca-se na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e consciente das interdependências globais, envolvendo escolas, organizações e comunidades em ações educativas que reforcem valores éticos e sociais para um desenvolvimento inclusivo e sustentável.



NARRATIVA DE EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA GLOBAL DA PPONGD

Explora os conceitos e práticas de educação voltadas para a cidadania global e o desenvolvimento sustentável, com o objetivo de fomentar uma compreensão crítica sobre questões globais e justiça social. Destinado a orientar práticas educacionais, o texto defende a formação de cidadãos comprometidos com a equidade, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável, incentivando instituições e indivíduos a promoverem transformações sociais e culturais.



 VEJA MAIS

CONVERSA COM LUÍSA TEOTÓNIO PEREIRA, POR JÚLIO SANTOS



A entrevista com Luísa Teotónio Pereira, realizada por Júlio Santos e publicada pela plataforma Sinergias ED, explora a trajetória e reflexões da entrevistada no campo da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global. Luísa compartilha sua visão sobre o papel da educação na formação de uma sociedade mais justa e inclusiva, destacando a importância do engajamento das escolas e ONGs em práticas que fomentem a responsabilidade social e os direitos humanos. A entrevista aborda também os desafios e avanços da educação transformadora em Portugal e no mundo.

PRECEDENTES Y EVOLUCIÓN DE LA EDUCACIÓN PARA EL DESARROLLO: UN MODELO DE CINCO GENERACIONES

O texto de Manuela Mesa discute a evolução da Educação para o Desenvolvimento através de um modelo que identifica cinco gerações, cada uma com características e enfoques específicos. Esse modelo apresenta como a educação para o desenvolvimento foi se transformando para responder a questões globais e promover uma cidadania mais ativa e consciente. O objetivo é destacar a importância de metodologias educativas que incentivem a justiça social e a cooperação internacional.



PARCERIAS LOCAIS PARA EDCG



Página do projeto em questão em que há partilha de materiais sobre a temática EDCG e os recursos que se foram construindo ao longo de sua implementação.

 VEJA MAIS

PASSO 3

MERGULHAR

PARA PRATICAR AS CAPACIDADES DE EDCG

ED COMUNICAR EM GERAL

O projeto ED-Comunicar visa ampliar a conscientização e participação em temas de Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global (EDCG) em Portugal. Realizado entre 2021 e 2023 com apoio do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, o projeto envolveu estudos, webinars, podcasts e infográficos abordando temas como pobreza, justiça social e globalização. Voltado a organizações, técnicos municipais e o público em geral, buscou promover o engajamento cívico e a cooperação.



MANUAL DO FORMADOR: GLOBAL HOW - DESPERTAR PARA EDUCAÇÃO GLOBAL

O manual “Global How: Despertar para a Educação Global” é um guia prático para formadores, promovendo a Educação Global como ferramenta para conscientização crítica sobre temas globais e interdependência. O material oferece métodos e atividades que incentivam o diálogo, o respeito pelos direitos humanos e a participação cidadã, visando formar educadores a abordar questões de sustentabilidade, justiça e cidadania. Ideal para formadores em contextos educativos e sociais.



 [VEJA MAIS](#)

PASSO 3

MERGULHAR

ACT 4 INCLUSION - LIFE IN THEATRE KIT DE FERRAMENTAS DE IMPROVISACÃO:

ACT 4 INCLUSION – LIFE IN THEATRE é um projeto que visa alargar e desenvolver as competências dos educadores através da utilização de competências relacionadas com o uso da improvisação social do teatro.

Os resultados do projeto destinam-se a educadores que trabalham na área da inclusão social.

Com eles pretende-se:

- Aumentar o nível de qualidade e quantidade dos métodos pedagógicos a serem utilizados com pessoas com necessidades especiais.
- Provar que os resultados que muitos educadores e formadores estão a alcançar no campo do trabalho juvenil também pode ser ganho no campo da educação de adultos.



STAIRWAY TO SDG

O site Stairway to SDG é uma plataforma educacional dedicada a promover a compreensão e implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU. Ele oferece recursos e ferramentas para educadores e estudantes, que visam integrar a educação para a sustentabilidade nas escolas. O foco é fomentar uma cidadania ativa e responsável, capacitando a comunidade escolar a contribuir para um futuro mais sustentável.



 VEJA MAIS

PASSO 3

MERGULHAR

STAIRWAY TO SDG 3.0

“Sustainability Makers” – the Way to Sustainable Development Goals 3.0 (“Construtores da Sustentabilidade” – O Caminho para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 3.0) surge para promover os 17 ODS no Ensino e Formação Profissional.

Este é um projeto que tem como objetivo promover os valores de sustentabilidade da Agenda 2030 e aumentar uma consciência global das pessoas para serem capazes de internacionalizar estes valores e transformá-los em práticas sustentáveis do dia-a-dia. O público-alvo são profissionais, educadores, professores, tutores que, dada a sua posição, têm a capacidade de “multiplicar” a mensagem, sensibilizar e promover o debate sobre a temática.



Nesse projeto são disponibilizadas duas ferramentas: uma plataforma de e-learning e um jogo 2D.

PARA ACEDER A RECURSOS DE EDCG PARA INSPIRAR A TRANSFORMAÇÃO LOCAL

CONSTRUIR ALTERNATIVAS. PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA PROMOVER A REFLEXÃO E A MOBILIZAÇÃO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

O documento “Construir Alternativas. Propostas pedagógicas para promover a reflexão e a mobilização para a transformação social” apresenta uma metodologia educativa destinada a estimular a reflexão crítica e a mobilização em torno de questões sociais. Estruturado em seções que abordam desde a proposta metodológica até orientações práticas para facilitadores, o texto orienta a utilização de atividades que promovem a transformação social, explorando conceitos como justiça social e iniciativas locais de mudança.



 VEJA MAIS

PASSO 3

MERGULHAR

CADERNO DE VIAGEM - ITINERÁRIOS PEDAGÓGICOS PARA EDUCAR PARA A ECOLOGIA INTEGRAL PELA CIDADANIA GLOBAL

O documento “Causa Comum” é um recurso pedagógico que aborda a interconexão entre ecologia e desenvolvimento, propondo uma reflexão crítica sobre as questões sociais, ambientais e econômicas atuais.



A CIDADE INTERCULTURAL PASSO A PASSO

O documento “A Cidade Intercultural: Passo a Passo” oferece um guia abrangente para a implementação de políticas interculturais nas cidades, com o objetivo de promover a inclusão e a diversidade.



INTEGRAR A ED/ECG EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL. FERRAMENTAS CRIADAS NO ÂMBITO DO PROJETO ESCOLAS TRANSFORMADORAS

A seção “Integração” do projeto “Escolas Transformadoras” propõe a Educação para o Desenvolvimento e a Cidadania Global (ED/ECG) como um modelo educativo que promove a justiça social e o bem comum. O texto destaca a importância de integrar a ED/ECG em instituições de ensino superior, apresentando ferramentas e metodologias para diagnosticar, planejar e monitorizar esse processo.



RECURSOS DO PROJETO PARCERIAS LOCAIS PARA EDCG

Newsletters do projeto Parcerias Locais para EDCG em que contextualiza o conceito de EDCG e traz boas práticas de ações e projetos implementados dentro e fora do município de Santa Maria da Feira relacionados com a temática, bem como um podcast sobre o assunto.



 **VEJA MAIS**

PASSO 3 MERGULHAR

As minhas notas

[illegible]

